

COMUNICAÇÃO

CAPÍTULO 2 - COMO EVITAR A FALTA DE COERÊNCIA TEXTUAL?

Adriana Paula da Silva Amorim

INICIAR

Introdução

A comunicação efetiva ocorre por meio de gêneros textuais. Cada situação comunicativa exige a utilização de um gênero textual específico. As notícias, por exemplo, são produzidas para informar a população sobre fatos ocorridos; enquanto que os anúncios, por sua vez, são elaborados com a finalidade de divulgar produtos e serviços para um público específico.

Nesse contexto, é preciso se atentar para alguns aspectos relevantes na produção textual: a adequação ao meio em que o texto é veiculado, a coesão e a coerência. Afinal, com o advento da internet, surgiram novas formas de linguagem e novos gêneros textuais. A tela como suporte de textos digitais propicia maior dinamicidade na comunicação virtual e possibilita a composição dos textos a partir de elementos verbais e não verbais, como imagens, sons, vídeos, cores, ícones, entre outros.

Além da adequação ao suporte, é imprescindível que os textos possuam coerência e coesão, a fim de que cumpram plenamente seu propósito comunicativo. A coerência diz respeito ao sentido: um texto coerente é um texto que possui sentido. Para tanto, é necessário que as informações apresentadas na superfície textual estejam coerentes entre si e coerentes com o mundo que nos cerca. A coesão, por sua vez, é a conexão entre as ideias apresentadas em um texto, contribuindo substancialmente para a manutenção da coerência.

Sendo assim, ao longo deste capítulo, trataremos da forte relação entre gêneros discursivos e tecnologia, a partir da análise de como essa relação ocorre na comunicação por meio das tecnologias digitais emergentes. Ademais, trataremos da coerência e da coesão separadamente, com finalidade didática, reconhecendo que, na prática comunicativa, elas se manifestam de forma complementar e simultânea.

Vamos aos estudos!

2.1 Gênero e tecnologia

Com o advento das tecnologias digitais, a sociedade passou por substanciais transformações. A comunicação se tornou consideravelmente mais ágil e as distâncias foram encurtadas com o uso da internet como meio de transmissão de mensagens. Isso acarretou no surgimento do hipertexto, “[...] forma híbrida,

dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2000, p. 171).



Figura 1 - A comunicação pela internet é ágil e prática. Fonte: Rawpixel.com, Shutterstock, 2018.

Como efeito, podemos exemplificar o hipertexto pelas mensagens instantâneas enviadas e recebidas através de sites de relacionamentos, como o Facebook e o Twitter; ou de softwares e aplicativos de comunicação, como o WhatsApp e o Telegram.

Dessa forma, surgem novos gêneros textuais, propiciados pela emergência das tecnologias digitais, caracterizados por duas características: a hipertextualidade e a multimodalidade.

2.1.1 Gêneros discursivos digitais

O advento e a evolução das tecnologias digitais propiciaram o surgimento de novas formas de construir os textos, a partir da utilização de elementos visuais e sonoros além da escrita, o que não é possível no texto impresso. São exemplos de gêneros textuais digitais o e-mail, o blog, as mensagens instantâneas, o fórum, a homepage e tantos outros que permitem, com a tecnologia de que dispõem, agilidade e eficiência na comunicação.

Há alguns anos, era comum que as empresas utilizassem a carta como forma de comunicação interinstitucional. No entanto, esse cenário começou a mudar. Atualmente, utiliza-se muito mais o e-mail com essa finalidade. Por outro lado, a comunicação interna das empresas passou a ocorrer também por meio de aplicativos de mensagens instantâneas. Esse tipo de comunicação, além de ser ágil, permite o compartilhamento de imagens, vídeos, documentos, links e ícones que complementam a linguagem verbal.



Figura 2 - Textos originalmente impressos se adequaram às tecnologias digitais. Fonte: Zerbor, Shutterstock, 2018.

Outras áreas da sociedade também aderiram à tecnologia e adequaram seu conteúdo e os recursos textuais ao chamado mundo virtual. De fato, atualmente, as grandes empresas de jornalismo possuem páginas na internet, sendo que, a partir delas, veiculam notícias. Contudo, além de texto escrito e das imagens, essas notícias em meio digital também ganham links, vídeos e áudios. O mesmo ocorre com outros textos, como os anúncios publicitários, que antes eram produzidos somente para divulgação impressa, mas que, hoje, são desenvolvidos para a mídia digital, explorando recursos de imagem e som.

Diante dessa realidade, é possível perceber o quanto nós, enquanto cidadãos da sociedade da informação, estamos habituados a convivermos com gêneros textuais tão diversos. Utilizamos as tecnologias de informação e comunicação diariamente para estudar, trabalhar, nos comunicar com familiares e amigos, nos informar e nos entreter. Por isso, é comum utilizarmos os gêneros digitais, como o e-mail, as mensagens instantâneas, o bate-papo, a vídeo chamada, o vídeo tutorial, entre tantos outros exemplos de textos produzidos e veiculados digitalmente.

Essa gama de possibilidades da virtualidade é conhecida como hipertextualidade, da qual trataremos na sequência.

2.1.2 Hipertextualidade

A virtualidade propicia a produção de uma linguagem mista e híbrida que une a linguagem verbal escrita a outros recursos, como sons, imagens estáticas e com movimento e links. As páginas de internet que costumamos acessar possuem propriedades específicas e mesclam gêneros textuais diversos em um mesmo ambiente. Em um site cujo assunto principal é o mundo automobilístico, por exemplo, encontramos notícias, reportagens, anúncios, infográficos, vídeos, tutoriais, resenhas e muitos outros textos referentes ao tema central. Com efeito, a tela do computador, do tablet e do smartphone possibilitam essa heterogeneidade de informações ao alcance do usuário. Assim, “A hipertextualidade seria, então, um conjunto multienunciativo de hipertextos, em razão de sua heterogeneidade” (CAVALCANTE, 2012, p. 56).

Ao abrirmos uma homepage no navegador de internet, são apresentados múltiplos caminhos que podemos acessar com a ajuda dos links. Da mesma forma, quando utilizamos os meios tecnológicos para estudar, outras possibilidades estão ao nosso dispor, a fim de que possamos explorar, navegar e adquirir conhecimento.



Figura 3 - Homepages reúnem vários elementos visuais além do texto escrito, como imagens, cores e sinais. Fonte: Haywiremedia, Shutterstock, 2018.

Sobre a definição de hipertexto, Koch (2007, p. 25) afirma que se trata de uma escrita “[...] não-sequencial e não-linear, que se ramifica de modo a permitir ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado a outros textos, na medida em que procede a escolhas locais e sucessivas em tempo real”. Em linha com a autora, o leitor, conhecido como navegador, torna-se coautor do texto, visto que, diante das inúmeras possibilidades de acesso e de leituras que a internet lhe proporciona, segue os links de seu interesse e se aprofunda nos temas que atraírem a sua atenção.

Você mesmo, enquanto estudante de uma disciplina cursada a distância, tem nas mãos o poder de, autonomamente, construir o conhecimento a partir da busca por informações em diversas fontes disponíveis na rede. Sabemos, no entanto, que se faz necessário filtrar essas fontes para que as informações obtidas sejam confiáveis e úteis aos seus objetivos de estudo.

VOCÊ QUER LER?

No artigo “Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever?”, de Gislaine Gracia Magnabosco, são discutidas as transformações que a internet trouxe para a leitura e para a escrita. Em seu texto, a autora enfatiza a importância do desenvolvimento de um letramento digital, ou seja, que os usuários sejam orientados — já na escola — sobre a utilização dessas ferramentas midiáticas como instrumento interativo de escrita e de leitura. Você pode ler o texto em:

www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/14/13

(<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/14/13>)>.

Outra característica marcante do texto da era digital é a multimodalidade, sobre a qual discutiremos a seguir.

2.1.3 Multimodalidade

Você já parou para pensar na evolução da linguagem ao longo dos tempos? Já analisou como, atualmente, estamos nos comunicando muito mais pelo meio digital em detrimento do meio impresso? Notou como o texto digital permite novas possibilidades de composição dos textos que a escrita no papel não possibilitava?

A multimodalidade é um conceito desenvolvido por Kress e Van Leeuwen (1996) para descrever os diversos modos ou modalidades semióticas pelos quais os textos são compostos. São exemplos de elementos multimodais o som, a imagem (estática ou em movimento), o texto escrito, o gesto, o uso das cores, entre outros. Cada uma dessas modalidades possui potencial para a construção do sentido do texto.

Em relação ao hipertexto, facilmente percebemos a presença da multimodalidade nos gêneros digitais. Um exemplo disso são os emoticons, ícones utilizados em conversas on-line para transmitir a emoção dos indivíduos. O uso dos emoticons complementa as informações verbais digitadas e expressa a informação de forma singular. Alguns, por exemplo, não teriam o mesmo sentido se fossem descritos com a linguagem verbal. O mesmo ocorre com o uso de outros recursos multimodais. Em síntese, esses ícones possuem valor complementar à escrita, já que, nos dias atuais, os recursos visuais têm ganhado relevância na comunicação.

Aliás, você deve ter notado que muitas informações no suporte digital, isto é, a tela, são representadas por ícones, não é mesmo?

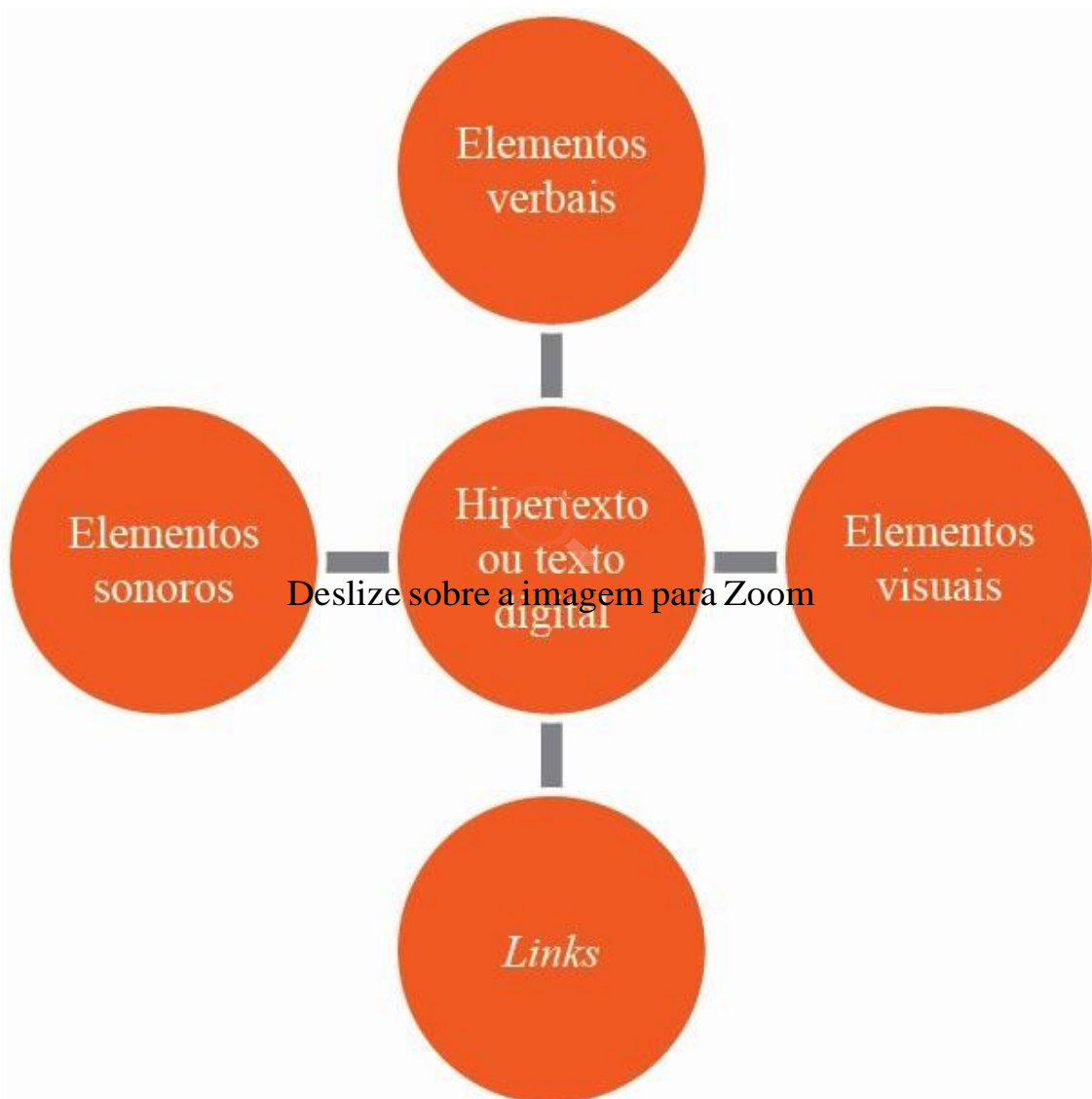


Figura 4 - O texto digital é composto pela mistura de diferentes modos enunciativos. Fonte:

Elaborado pela autora, baseado em XAVIER, 2002.

Assim, a hipertextualidade permite a exploração de recursos multimodais em textos conhecidos antes mesmo da internet, como notícias, anúncios e tutoriais. Xavier (2002) chama a atenção para o fato de que, no texto digital, os recursos multimodais coexistem — ou seja, som, imagem, texto escrito e outros recursos disponíveis se sobrepõem e podem ser acessados de qualquer lugar a qualquer momento —, desde que haja as condições técnicas necessárias, como a conexão com a internet.

Note que os anúncios digitais, por exemplo, são compostos por uma gama de cores, sons e imagens em movimento, mas organizados em um determinado layout (design, esquema e arranjo), contribuem para a produção de significados.



Figura 5 - O suporte digital permite o uso de recursos multimodais em anúncios. Fonte: Lissandra Melo, Shutterstock, 2018.

A escolha e a organização desses recursos na composição do texto não ocorrem por acaso. O produtor do texto seleciona os recursos para atender seus objetivos comunicativos e os organiza em um layout que atraia a atenção do público-alvo. Nos anúncios da figura acima, o produto anunciado (ou algo que o represente) aparece no centro, em posição de ênfase, enquanto que as

informações verbais geralmente aparecem nas bordas. Além disso, informações importantes — como os nomes das marcas — aparecem em destaque, com fontes em tamanho e cores de evidência.

No entanto, vale ressaltar que isso só é possível com a coerência textual, competência extremamente relevante para a comunicação verbal.

2.2 Coerência textual

O texto é a unidade básica da comunicação. Ao nos comunicarmos, o fazemos por meio de textos, seja um requerimento, um pedido, uma prece, um bilhete, um anúncio, um relatório ou um artigo científico. Nesse contexto, quando nos comunicamos, desejamos nos fazer entender pelos textos orais ou escritos que produzimos. Da mesma forma, quem escuta ou lê um texto, qualquer que seja, procura nele um sentido.

VOCÊ QUERLER?

O livro “Coerência textual”, de Ingedore Villaça Koch e Luiz Carlos Travaglia, publicado em 2009, trata do conceito de coerência, dos fatores de coerência e da relação entre coerência e ensino, sempre com exemplos de textos reais, o que torna a aprendizagem dos conceitos mais fácil e satisfatória.

Tomaremos como objeto de análise o texto escrito por Carlos (26 anos, ensino superior), informante do corpus Discurso & Gramática da cidade de Natal (CUNHA, 1993, p. 13), ao narrar uma experiência pessoal:

Eu ia para Pium em um jipe sem capota, aqueles de praia, com o meu irmão, meu pai, a empregada, que ia grávida, e o motorista. Fui pela manhã e quando cheguei lá o pessoal tomou umas cervejas o dia todo, quando foi à tarde, quase à noite nós saímos de Pium e quando vínhamos na BR 101 próximo à fábrica

Soriedem aconteceu o acidente. Nós vínhamos à esquerda da BR e um ônibus da empresa Nordeste pediu para ultrapassar, porque as ultrapassagens são feitas pela esquerda, mas o motorista não, passou pela direita, então o ônibus passou pela direita e trancou a gente e jogou todo mundo na estrada. Ficou todo mundo espalhado pela BR 101, a sorte da gente foi que não passou nenhum carro na hora, apesar de ser um horário de muito trânsito. Passaram alguns carros e nos socorreram na hora. Meu pai teve escoriações leves pelo corpo, meu irmão, a empregada e o motorista também, apesar do motorista ter sofrido um corte na testa de leve. A empregada que estava grávida mais tarde teve o menino lá em casa, nasceu vivo e depois morreu no hospital, devido o susto que tomou. Eu fui o único que ficou internado no hospital Valfredo Gurgel com escoriações e pancadas na cabeça, tive que fazer uma cirurgia plástica no rosto que ficou aparecendo os ossos e as raízes dos dentes, no braço esquerdo também fiz uma plástica porque arrastou no chão e comeu a carne. Passei mais ou menos um mês internado, só recebia visitas uma vez por semana, eu ficava de um lado do prédio e os meus pais do outro sem poder se tocar. Fiquei em cadeiras de rodas, porque pensava que não podia andar. Depois comecei a andar normalmente.

A seguir, nos aprofundaremos sobre o conceito de coerência e os fatores envolvidos na interpretabilidade dos textos, como no da citação anterior.

2.2.1 O que é coerência?

A coerência diz respeito à construção dos sentidos no texto, à sua interpretabilidade. Segundo Koch e Travaglia (2009), embora existam textos com problemas de coerência, não existem textos totalmente incoerentes, visto que, logicamente, todos desejam ser compreendidos. Portanto, essas incoerências localizadas podem ser superadas por meio da reescrita.

Na fala, esse processo pode ser realizado com a correção verbal, como quando explicamos uma informação mal interpretada usando outras palavras, de forma a deixá-la mais clara.

VOCÊ SABIA?

Marcuschi (2008) considera que, sendo o texto um evento comunicativo, três aspectos se articulam para a produção de sentidos: aspectos linguísticos, aspectos sociais (o contexto sócio-histórico) e aspectos cognitivos (conhecimentos armazenados na memória dos participantes da comunicação).

Assim, a coerência é composta pelo domínio linguístico, que define a coerência interna do texto; e os domínios pragmático e extralinguístico, que determinam a coerência externa no texto.

No domínio linguístico, é possível perceber no texto do informante Carlos o uso coerente de recursos gramaticais e a seleção adequada de palavras e expressões, a fim de esclarecer sobre o ocorrido, não havendo contradição em nenhum momento. Além disso, o texto progride com novas informações sendo acrescentadas, o que contribuiu para a progressão textual e, conseqüentemente, para a coerência textual.

Já o domínio pragmático diz respeito à interação: o contexto, o tipo de ato de fala, os valores e as crenças dos interlocutores. Assim, o texto de Carlos é coerente, visto que atende ao que é solicitado (uma narrativa de experiência pessoal), e é adequado à situação comunicativa em questão.

Por conseguinte, o domínio extralinguístico se relaciona ao conhecimento de mundo dos interlocutores e ao conhecimento partilhado entre eles, o que confere sentido completo ao texto. Esse domínio também é chamado de coerência externa, pois diz respeito à veracidade das informações, se elas condizem com o mundo exterior ao qual pertence.

Desse ponto de vista, o texto produzido pelo informante é coerente, pois não contradiz o mundoreal.

2.2.2 Fatores de coerência

A construção da coerência ocorre pela consonância de fatores linguísticos e extralinguísticos. Os principais desses fatores são os elementos linguísticos, o conhecimento de mundo, o conhecimento compartilhado e a inferência.

VOCÊ OCONHECE?

Ingedore Villaça Koch, autora alemã naturalizada brasileira, é professora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas. É um dos principais expoentes da Linguística Textual no Brasil, com estudos sobre texto e interação por meio da linguagem. Vale a pena melhor conhecer tal personalidade para nos aprofundarmos em nossos estudos!

Sem dúvida, os elementos linguísticos são importantes para o desenvolvimento da coerência em um texto. A seleção das palavras, sua organização sintática (em frases) e sua relação com outras palavras são pistas que conduzem o leitor à plena interpretação dos sentidos do texto. Assim, para que possamos interpretar a escrita com qualidade, o primeiro passo é conhecer o significado das palavras utilizadas e compreender a organização das informações na superfície textual.

No entanto, é preciso reconhecer que o componente linguístico está apenas na superficialidade do texto, e que a construção dos sentidos é um processo bem mais profundo, que ocorre na ativação do nosso conhecimento de mundo. É quase impossível construir o sentido de um texto que trate de um assunto o qual desconhecamos completamente. Para a maioria de nós, compreender um relatório técnico de viagem espacial, por exemplo, constitui-se em uma tarefa muito complexa, pois esse tipo de experiência não faz parte de nosso conhecimento de mundo.

Além disso, esse conhecimento de mundo ou repertório é adquirido ao longo de nossas vivências e de nossas leituras. Essas experiências ficam arquivadas na memória e são resgatadas quando, ao nos depararmos com um texto, procuramos sentido nas palavras a partir da semelhança do que é dito com o que já vivenciamos. No texto em análise, Carlos relata uma ultrapassagem de carro que causou um acidente na estrada. Assim, se tivermos o conhecimento de que toda ultrapassagem deve acontecer pela esquerda, inferimos que a ultrapassagem forçada pela direita causou o acidente.

Dessa forma, podemos entender que o conhecimento compartilhado diz respeito ao conhecimento de mundo comum ao produtor e ao receptor de um texto. Os participantes envolvidos em uma situação comunicativa precisam ter

o máximo de conhecimento compartilhado, a fim de que os dois se compreendam mutuamente. No depoimento de Carlos, ele afirma que foi para Pium, sem apresentar mais nenhuma explicação sobre esse termo. Isso significa que o seu interlocutor, nesse caso um entrevistador, partilha com ele o conhecimento sobre o município de Pium, que fica na região metropolitana de Natal. Sem esse conhecimento compartilhado, a compreensão do texto poderia ser prejudicada, pois o leitor teria dúvidas sobre seu significado (embora linguisticamente ele saiba que se trata de nome próprio, ou seja, possivelmente pertencente a uma pessoa ou a um lugar).

A inferência, por outro lado, é uma operação dedutiva por meio da qual o leitor chega a conclusões que não estão explícitas no texto, mas que podem indicar um caminho para o que está implícito. Ao produzir um texto, oral ou escrito, omitimos algumas informações que julgamos desnecessárias por considerarmos que o interlocutor será capaz de realizar as inferências. No depoimento de Carlos, após narrar o acontecimento do acidente, ele afirma que os feridos foram socorridos e faz uma espécie de salto para explicar o estado hospitalar de cada um. Ele não explicita, por exemplo, como ocorreu o resgate: será que uma ambulância foi acionada ou as próprias pessoas que passavam pelo local colocaram os feridos nos seus carros e os levaram para suas respectivas casas? Essa informação não está explícita, mas é possível inferir, com base nas pistas que o texto nos dá, que os feridos foram encaminhados ao hospital, menos a empregada, que deu à luz em casa.

Segundo Koch e Travaglia (2009, p. 79), “[...] todo texto assemelha-se a um iceberg – o que fica à tona, isto é, o que é explicitado no texto, é apenas uma pequena parte daquilo que fica submerso, ou seja, implicitado”, por isso, a coerência é considerada bem mais como um processo cognitivo do que linguístico.

A seguir, discutiremos outra competência importante para a eficiência da comunicação: a coesão textual.

2.3 Coesão textual

A coesão é a propriedade de articulação das ideias no texto. É “[...] o conjunto de estratégias de sequencialização responsável pelas ligações linguísticas relevantes entre os constituintes articulados no texto” (OLIVEIRA, 2017, p. 195). Em outras palavras, é o que faz do texto uma unidade, a fim de que não seja apenas um grande emaranhado de informações desconexas.



Figura 6 - A coesão é a ligação das ideias na tessitura textual. Fonte: maradon 333, Shutterstock, 2018.

A partir de agora, estudaremos o conceito de coesão, as estratégias utilizadas para que um texto seja considerado coeso e falaremos da importante relação entre a coesão e a coerência textual.

2.3.1 O que é coesão?

Como dito anteriormente, a coesão é a conexão existente entre as ideias. Ela se manifesta por meio de elementos linguísticos utilizados para relacionar as ideias, de forma a contribuir para a coerência textual. É o caso do uso de conectivos, como preposições e conjunções, para articular as partes de um texto.

VOCÊ QUER VER?

O esquete em vídeo intitulado “Problemas linguísticos”, produzido pelo grupo Porta dos Fundos, trata de forma bem-humorada e exagerada os casos de uso inadequado de conectivos na comunicação verbal, o que interfere diretamente na coerência, podendo tornar o texto incompreensível. Assista em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j-PSnhvG5fQ&feature=youtu.be> (<https://www.youtube.com/watch?v=j-PSnhvG5fQ&feature=youtu.be>)>.

É a coesão que confere harmonia ao texto, que deixa de ser uma sequência de informações soltas e passa a formar uma unidade de sentido. Para Koch e Travaglia (2009, p. 14), “[...] a coesão textual, mas não só ela, revela a importância do conhecimento linguístico (dos elementos da língua, seus valores e usos) para a produção do texto e sua compreensão e, portanto, para o estabelecimento da coerência”.

Vale destacar, contudo, que há algumas estratégias linguísticas de coesão e que se manifestam no texto que estamos analisando como exemplificação, conforme Halliday e Hasan (1976). Vamos entender melhor sobre essas estratégias na sequência.

2.3.2 Estratégias de coesão

Halliday e Hasan (1976) elencam cinco estratégias de coesão. São elas: a referência, a substituição, a elisão, a conjunção e a coesão lexical.

A referência é o processo de retomada ou antecipação de referentes no texto. No trecho “Eu ia para Pium em um jipe sem capota, aqueles de praia”, o pronome “aqueles” retoma o referente citado anteriormente pela expressão “jipe sem capota”. Esse procedimento é chamado de anáfora. A anáfora também pode ser indireta, quando não retoma o referente em sua totalidade, mas parcialmente, como ocorre no trecho “[...] um ônibus da empresa Nordeste pediu para ultrapassar [...], mas [...] o motorista passou pela direita e trancou a gente e jogou todo mundo na estrada”, em que a palavra “motorista”, que retoma o referente “ônibus da empresa Nordeste”, ainda que apenas parcialmente.

Já no trecho “[...] na BR 101 próximo à fábrica Soriedem aconteceu o acidente”, o termo “acidente” antecipa todo o relato posterior que descreverá o ocorrido, configurando-se como uma catáfora.

A referência é importante para o texto na medida em que contribui para sua manutenção temática e para a sequenciação de ideias, evitando repetições excessivas e desnecessárias.

A substituição também é um recurso eficaz na progressão textual, pois, ao substituir uma palavra ou expressão já citada no texto, não ocorre somente a troca de um vocábulo por outro, mas novos sentidos podem surgir e contribuir para a composição textual. No excerto “[...] então o ônibus passou pela direita e trancou a gente e jogou todo mundo na estrada. Ficou todo mundo espalhado pela BR 101”, a expressão “BR 101” substitui a palavra “estrada”, e – mais do que isso – especifica a informação dada anteriormente.

A elisão, ou elipse, é um processo linguístico interessante que consiste na recuperação de um referente sem citá-lo. Esse fenômeno também é chamado de anáfora zero. Quando o informante diz que “[...] o ônibus passou pela direita e trancou a gente e jogou todo mundo na estrada”, não se faz necessário repetir o sujeito das ações, que é “o ônibus”, antes de cada um desses verbos. Na verdade, essa informação está clara, apesar das omissões, evitando redundâncias.

A conjunção, por sua vez, ocorre pela utilização de mecanismos coesivos que estabelecem vínculos entre frases, sejam eles vínculos de tempo, causa, consequência, alternância, oposição, condição, finalidade, entre outros. No trecho “[...] no braço esquerdo também fiz uma plástica porque arrastou no chão”, a palavra “porque” estabelece uma relação de causa e consequência entre essas frases, sendo a segunda a causa da primeira.

Por fim, a coesão lexical ocorre de forma mais sutil, pois se trata da seleção e do uso de palavras que se relacionam entre si, articulando as ideias de maneira que a forma e o conteúdo do texto estejam harmoniosamente organizados. Veja o trecho:

Eu fui o único que ficou internado no hospital Valfredo Gurgel com escoriações e pancadas na cabeça, tive que fazer uma cirurgia plástica no rosto que ficou aparecendo os ossos e as raízes dos dentes, no braço esquerdo também fiz uma plástica porque arrastou no chão e comeu a carne [...]

Nele, percebemos que as informações (hospital, escoriações, pancadas, cirurgia, ossos, dentes e braço) estão organizadas de forma a produzir na mente do interlocutor uma produção eficiente dos sentidos.

A escrita, em relação à fala, é mais propícia à utilização dos elementos linguísticos de coesão, visto que é possível reler e alterar a forma textual, enquanto que na dinamicidade da fala a coesão nem sempre está explícita pelos elementos linguísticos, mas por elementos extratextuais. Ou seja, quando conversamos oralmente com alguém, espontaneamente deixamos algumas frases soltas, mudamos de assunto sem relacionar explicitamente um com o outro. Contudo, essas relações ficam claras por meio do conhecimento partilhado entre os interlocutores e por outros elementos próprios da conversação, como gestos, expressões, pausas e entonação.

2.4 Princípios da coerência e coesão textual

Quando lemos um texto, não decodificamos e interpretamos cada parte isoladamente, mas apreendemos o seu sentido global. Dessa forma, ainda que não haja marcas linguísticas explícitas de coesão, é possível que a conexão entre as ideias ocorra intuitivamente por parte do leitor. É o que se pode perceber na leitura de um trecho do conto “Circuito fechado”, de Ricardo Ramos (2012, p. 13):

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço. Relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos, jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. [...] Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

O que você entendeu do texto que leu? É apenas uma sequência aleatória de

palavras e expressões? Trata-se de um texto sem coesão e sem coerência?

No conto de Ramos (2012), há poucos elementos linguísticos de coesão, além de apenas algumas preposições e conjunções, como “de” e “e”, respectivamente. Não há uma relação explícita entre as palavras no texto. No entanto, por meio de um processo cognitivo, conseguimos compreender o sentido global do texto e a relação existente entre as partes. O conhecimento linguístico nos permite decodificar o vocabulário utilizado pelo autor e perceber a relação de significado que se estabelece entre essas palavras.

Por conseguinte, o conhecimento de mundo partilhado entre o autor e nós, leitores, permite-nos reconhecer que a narrativa apresenta um dia comum na vida de um homem de negócios. A coerência não está no texto em si, ela não pode ser destacada ou apontada na superfície textual. Na verdade, ela é construída na interação entre os participantes da situação comunicativa. Os processos de coesão e coerência, portanto, ocorrem de forma simultânea na mente do leitor.

“O texto de Ricardo Ramos é uma prova de que a coesão superficial do texto não é necessária para a textualidade. Contudo, isto não significa que ela seja irrelevante [...] Aqui, a coesão é inferida a partir da coerência” (MARCUSCHI, 2008, p. 106). Desse modo, a coesão é gramatical, mas também é semântica, pois, em muitos casos, a relação entre as partes do texto se dá com a percepção dos significados e da interação entre os interlocutores. Como podemos perceber, então, existe uma forte relação entre a coesão e a coerência, visto que aquela contribui para esta.

Como vimos, não são necessariamente os processos gramaticais que contribuem para a construção de sentidos no texto, mas os processos cognitivos. “Isto quer dizer que a coerência seria uma espécie de princípio global de interpretação” (MARCUSCHI, 2008, p. 125). Assim, ainda que um texto não seja completamente incoerente, é preciso considerar que alguns textos podem apresentar quebras de coerência em pontos localizados. Esses eventuais problemas de coerência podem ser resolvidos com uma boa correção textual, com base nos princípios ou metarregras de coerência, formuladas por Charroles (1988) e divulgadas por Costa Val (1999).

VOCÊ QUER LER?

Coerência textual nem sempre deve ser entendida como algo linear, que esteja em acordo com a “regra-padrão” da escrita, ou mesmo que tenha “lógica”. Em uma resenha sobre o livro “Lutar com palavras: coesão e coerência”, da professora Irandé Antunes, Luiz Marcuschi escreve: “vivemos num mundo em que nossas experiências e condições sociais, culturais e cognitivas permitem saber como se sentem os amantes beijando-se com ardor... Tudo se inverte, e então é possível até mesmo recitar sapatos, desligar a cama ou fechar a escada.”, referindo-se a um poema citado na obra.

Na mesma resenha, Marcuschi pondera que “Sob o ponto de vista teórico (...) a língua não se acha confinada às regras da gramática, nem é uma questão de certo e errado, mas é uma atividade social que cria as condições da interação e dos processos comunicativos em geral. (...) “escrever é, como falar, uma atividade de interação, de intercâmbio verbal. Por isso é que não tem sentido escrever quando não se está procurando agir com outro, trocar com alguém alguma informação, alguma ideia, dizer-lhe algo, sob algum pretexto”. Escrever é uma

atividade que exige um movimento para o outro, definindo este outro como seu interlocutor. E é nesta relação que o próprio autor se constitui. Ninguém escreve sem um destinatário. É claro que, nessa visão, o que mais conta não vai ser a ortografia nem a simples regra de concordância e sim o desenvolvimento das ideias e a distribuição dos tópicos, a seleção lexical, a contextualização, o estilo que vão produzindo a adequação da escrita. (...) A língua enquanto sistema de formas não comanda tudo.” (Marcuschi:20016). Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/resenhas/revel_6_lutar_com_palavras.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2019.

Segundo Charroles (1988) e Fonseca (1992), os princípios básicos da coerência são a continuidade, a progressão, a não contradição e a articulação.

A continuidade é a retomada de elementos e ideias no decorrer do texto. A coesão realizada por meio da referência é, pois, uma estratégia de continuidade. Na prática, todo texto precisa tratar de um tópico central, ou seja, um assunto global mantido ao longo de todo o texto com retomadas. Isso se aplica facilmente a textos escritos, porém, no diálogo cotidiano oral, é possível perceber que geralmente há muitos tópicos discursivos envolvidos na conversa sem que, no entanto, a conversa perca sua coerência.

Além disso, para que a coerência de um texto seja mantida, é necessário que haja continuidade dos tópicos ou assuntos abordados. No entanto, para que o texto não se torne um grande círculo em que as informações giram e se repetem de forma redundante, é necessário que haja a progressão, manifesta pelas novas informações que são acrescentadas ao tópico central, fazendo-o progredir. Em outras palavras, é preciso que o texto possua um eixo central e que surjam novas informações relacionadas a ele para que as ideias possam fluir.

Segundo o dicionário on-line de português, Dicio, a tautologia consiste na

repetição de uma mesma ideia por meio de palavras diferentes. Esse artifício também é conhecido como redundância ou pleonismo. A redundância pode ter sentido enfático, ser utilizada de forma planejada, mas quando as ideias são apresentadas repetidamente de forma desnecessária, ocorrem problemas de coerência, prejudicando a interpretabilidade do texto. Por isso, na produção de textos, a revisão textual é relevante para que sejam corrigidos possíveis casos de tautologia e, conseqüentemente, a falta de progressão textual.

Temos, ainda, que o texto deve ser coerente interna e externamente. Isso quer dizer que as partes do texto não podem se contradizer entre si e que precisa haver uma lógica compatível. Em um texto argumentativo, por exemplo, é contraditório defender um ponto de vista no início do texto e, posteriormente, assumir outro posicionamento.

VOCÊ SABIA?

O princípio da não contradição surgiu de conceitos de lógica desenvolvidos pelo filósofo grego Aristóteles, segundo o qual duas proposições contrárias não podem ser consideradas verdadeiras. Mais tarde, esse conceito passou a ser utilizado também para a linguagem. Você pode entender melhor sobre as ideias do filósofo com o link:

<<https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/download/2904/2687>
(<https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/download/2904/2687>)>.

A coerência externa quer dizer que “[...] o texto não pode contradizer o mundo a que se refere, seja este mundo real ou fictício” (CAVALCANTE, 2012, p. 36). Uma fábula, por exemplo, não é um texto incoerente por apresentar animais que atuam, falam e pensam como pessoas, pois essa realidade textual é compatível com o mundo a que ela se refere (o mundo fictício). Se, no entanto, essa característica fosse dada a animais reais, em uma notícia de jornal, haveria uma grave contradição com os fatos do mundo real, o que provocaria um estranhamento.

Por último, temos a articulação, que é o princípio da coerência que mantém relação estreita com a coesão textual. Para haver articulação em um texto, é necessário que as ideias apresentadas mantenham um encadeamento lógico e uma organização. Além disso, é preciso que as relações estabelecidas entre as informações estejam claras, a fim de propiciar a fluidez da leitura. A estratégia

de articulação mais utilizada é o uso de conectivos, como “além disso”, “porém”, “no entanto”, “portanto”, “assim”, “então”, entre outros. A escolha do conectivo se dará em função da relação que se deseja enfatizar. Essa relação, por sua vez, pode ser de conformidade, adversidade, complementação, conclusão e outras.

Em síntese, os princípios ou metarregras de coerência, segundo Charroles (1988), podem ser vistos na figura a seguir.



Figura 7 - Os princípios de coerência são úteis para análise e correção de textos. Fonte: Elaborado pela autora, baseado em CHARROLES, 1988.

Vejamos o exemplo de um texto que poderia ser postado em uma rede social: “Ao receber esta mensagem, beije alguém que você ama muito, porque ela veio trazer sorte. Passe a mensagem para nove contatos. A felicidade não tem preço. Se você compartilhar terá muita sorte e ganhará muito dinheiro. Não guarde a mensagem, envie!”. Nesse caso, o texto contém algumas quebras de coerência localizadas, a saber:

- Quebra de continuidade: no início, é sugerido que se beije alguém, mas essa informação não é retomada ao longo do texto.
- Quebra de progressão: o argumento supersticioso de que o texto não pode ficar parado nas mãos de alguém é repetido desnecessariamente.
- Contradição: o texto afirma que a felicidade não tem preço, mas, em seguida, menciona que, ao compartilhar a mensagem, a pessoa ganhará muito dinheiro.
- Quebra de articulação: a relação entre algumas ideias não está clara por falta de conectivos adequados que estabeleçam essa relação. Passa-se de

uma ideia para outra sem que haja uma lógica entre elas.

Com efeito, as falhas localizadas de coerência interferem na interpretação do texto, mas podem ser corrigidas por meio da leitura e de sua reescrita. Na fala, a correção não ocorre de forma sistemática, mas é possível retomar o que foi dito desfazendo as contradições, por exemplo.

VOCÊ SABIA?

Como consequência da inovação trazida pelas novas plataformas de leitura – as telas dos computadores, tablets e smartphones, faz-se necessário preparar os novos leitores para o domínio de todos os novos e dinâmicos recursos oferecidos por estes “canais de comunicação”, a fim de que seus textos possam trazer coerência e articulação, dialogando, inclusive, como os diversos outros recursos oferecidos.

“Nesta esfera, podemos encontrar vários gêneros, como, blogs, e-mails e sites – especialmente os sites de relacionamento, que abarcam várias possibilidades de comunicação. Nos sites de relacionamento, tais como Orkut, Facebook e Twitter (amplamente utilizados no Brasil) o usuário pode perceber claramente seu poder de manipulação da informação. Neles, o indivíduo pode inserir e, se desejar, excluir informações em vários formatos (texto, áudio, fotos e vídeos), além de comentar as atividades de outros participantes.” (PEREIRA:2012, página 4).

Além disso, seja para a manutenção da coerência textual que permita a eficácia da transmissão da mensagem, seja para a sensibilização quanto às muitas possibilidades de manipulação do conteúdo, o acesso aos textos em uma sociedade altamente tecnológica, requer uma atenção ainda maior na área da Educação, para preparar os novos leitores em relação a certas características do texto virtual.

“Segundo Soares (2002) citado em (PEREIRA: 2012, página 7) atualmente, a cultura do texto eletrônico traz uma nova mudança no conceito de letramento. Para a autora, em alguns aspectos essenciais, a nova cultura do texto eletrônico traz de volta características presentes na cultura do texto manuscrito: como este, e ao contrário do texto impresso, também o texto eletrônico não é estável, não é monumental e é pouco controlado. Não é considerado estável porque, tal como os copistas e os leitores frequentemente interferiam no texto, também os leitores de hipertextos podem interferir neles, acrescentando, alterando, mostrando seus próprios caminhos de leitura; não é monumental, pois, por sua característica de não estabilidade, o texto eletrônico é fugaz, não permanente e mutável; é pouco controlado porque é grande a liberdade de produção de textos na tela e é quase totalmente ausente o controle da qualidade e conveniência do que é produzido e difundido.”

Disponível

em:

<<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1709>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

Ainda a respeito do emprego de conteúdos do universo digital, temos que o trabalho de orientação para a compreensão da hipertextualidade, a cargo dos professores,

precisa de cuidados. “Incluir Memes na sala de aula, contudo, exige uma mudança de pensamento tanto do docente quanto dos seus discentes. Uma vez que memes, como já explicado acima, apresentam, caso não sejam explorados, um aspecto redutor, trabalhar com eles demanda responsabilidade de ambos os lados.” (Massaruto, Vale, Alaimo: 2017, página 6). Disponível em:

<http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/letras_83/fillippo_lara_marcela.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2019.

Síntese

Neste capítulo, dedicamos nossa atenção à relação entre tecnologia e gêneros textuais, utilizados para a comunicação nas diversas áreas sociais. Além disso, nos debruçamos sobre os fenômenos linguísticos de coesão e coerência, relevantes princípios de interpretação textual.

Neste capítulo, você teve a oportunidade de:

- identificar e comparar tipos e gêneros textuais;
- construir textos cujos gêneros discursivos estão de acordo com a prática profissional do estudante;
- analisar coerência e coesão textuais;
- aplicar conectivos e preposições como auxiliares no processo de coesão;
- analisar os princípios da não tautologia e da não contradição.

Bibliografia

BARBOSA, R. M. Sobre o Princípio de não-contradição: Entre Parmênides e Aristóteles. *Anais de Filosofia Clássica*, v. 9, n. 17, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/download/2904/2687>> (<https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/download/2904/2687>)>. Acesso em: 29/03/2018.

CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARROLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. (Orgs.). *O texto: escrita e leitura*. São Paulo: Pontes, 1988, p.39-85.

COSTA VAL, M. G. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CUNHA, M. A. F. da. Corpus Discurso & Gramática. A língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal, 1993. Disponível em: <<http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf> (<http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf>)>. Acesso em: 13/03/2018.

DICIO. Dicionário On-line de Português. Tautologia. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/tautologia/> (<https://www.dicio.com.br/tautologia/>)>. Acesso em: 19/03/2018.

FONSECA, J. Linguística e texto/discurso: teoria, descrição, aplicação. Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. Cohesion in English. London: Logman, 1976.

KOCH, I. V. Hipertexto e construção do sentido. Alfa, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1425/1126> (<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1425/1126>)>. Acesso em: 23/03/2018.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. A coerência textual. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Reading images: the grammar of visual design. 2. ed. New York: Longman, 1996.

MAGNABOSCO, G. G. Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever?. Conjectura, v. 14, n. 2, mai./ago. 2009. Disponível em: <www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/14/13 (<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/14/13>)>. Acesso em: 13/03/2018.

MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, M. R. Linguística textual. In: MARTELOTTA, M. E. Manual de Linguística. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PORTA dos Fundos. Problemas Linguísticos. 4 mai. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j-PSnhvG5fQ&feature=youtu.be> (<<https://www.youtube.com/watch?v=j-PSnhvG5fQ&feature=youtu.be>>). Acesso em: 28/03/2018.

RAMOS, R. Circuito Fechado. Contos. São Paulo: Globo, 2012.

XAVIER, A. C. dos S. O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, 2002. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269080> (<<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269080>>). Acesso em: 28/03/2018.

